

## [EDITORIAL]

## HISTÓRIA E MÉTODO DA RECEPÇÃO FILOSÓFICA DA PSICANÁLISE

## Volume II

Em nosso primeiro editorial, chamamos a atenção para o fato de que, desde o seu surgimento, no início do século XX, a psicanálise tem sido objeto constante do pensamento filosófico<sup>1</sup>. Pensando no contexto brasileiro, sabemos hoje<sup>2</sup> que os textos freudianos já vinham sendo estudados e discutidos filosoficamente pelo menos desde os anos 1930, por intelectuais como Almir de Andrade<sup>3</sup> e Paulo Siwek<sup>4</sup>, assim como Jean Maugüé<sup>5</sup>, professor de filosofia da recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo. Será, no entanto, a partir dos anos 1970, com os trabalhos de Bento Prado Jr.<sup>6</sup> (1937-2007), que esse campo de investigações começará a se profissionalizar.

Formado pela Universidade de São Paulo (USP) durante os anos 1950, Prado Jr. será um importante herdeiro da tradição estruturalista de leitura de textos filosóficos que, na época, vinha se consolidando no interior do pensamento acadêmico paulista. O chamado método estrutural de leitura havia sido introduzido no Brasil, no final dos anos 1940, por Martial Gueroult, então professor visitante na Faculdade de Filosofia da USP. Desde então, esse método passará a ser representado nesta instituição pelo professor Lívio Teixeira e ilustrado a partir de suas obras sobre a filosofia de Espinosa e de Descartes, publicadas, respectivamente, em 1954 e 1955<sup>7</sup>.

<sup>1</sup> Cf. FREITAS PINTO, W.C. PADOVAN, C. SIMANKE, R. BOCCA, F. Editorial. *Eleuthería*, v. 6, n. 10, p. 6-12, 2021.

<sup>2</sup> Cf. FREITAS PINTO, W.C. (2016). *Do círculo à espiral: por uma história e método da recepção filosófica da psicanálise segundo o freudismo filosófico francês (Ricoeur) e a filosofia brasileira da psicanálise (Monzani)*. Universidade Estadual de Campinas, Tese de Filosofia.

<sup>3</sup> ANDRADE, A. de. *A verdade contra Freud*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.

<sup>4</sup> SIWEK, P. *A psicanálise*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, 1945.

<sup>5</sup> A este respeito, ver: CORDEIRO, D.S. *A formação do discernimento: Jean Maugüé e a gênese de uma experiência filosófica no Brasil*. Universidade de São Paulo, Tese de Filosofia, 2008.

<sup>6</sup> Em entrevista, Prado Jr. afirma ter se interessado pela psicanálise durante os anos 1960. Cf. MUSSE, R. PRADO JR., B. Entrevista: Regras de um método filosófico. *Folha de São Paulo*, 2000. Em seu currículo pessoal, encontramos uma “produção técnica” datada de 1974 com o título *Epistemologia da Psicologia e da Psicanálise*. Em 1977, um curso com o título *Projeto para uma psicologia de Freud*. Em 1978, localizamos uma conferência realizada no CLE-Unicamp intitulada *Epistemologia e Psicanálise*. Em 1979, também no CLE-Unicamp, podemos ainda citar a conferência *David Hume: uma raiz comum à Psicanálise e à Análise Experimental do Comportamento*, esta última publicada no ano seguinte na revista *Discurso*. Cf. PRADO JR., B. (1980). Hume, Freud, Skinner (em torno de um parágrafo de G. Deleuze), *Discurso*, v. 12, pp. 7-28.

<sup>7</sup> Cf. TEIXEIRA, L. *A doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa*. Universidade de São Paulo, 1954; TEIXEIRA, L. *Ensaio Sobre a Moral de Descartes*. Universidade de São Paulo, 1955.



Alguns dos princípios do método estrutural, como o privilégio dado ao texto em detrimento do contexto e o entendimento da obra como um sistema fechado de conceitos, será, em um primeiro momento, aplicado de maneira não sistemática por Prado Jr. à psicanálise, mais especialmente a Freud. Um exemplo dessa abordagem, que opõe a “boa” à “má-leitura”, pode ser encontrado no célebre artigo *Auto-reflexão, ou interpretação sem sujeito? Habermas intérprete de Freud*<sup>8</sup>, publicado pelo filósofo em 1983, a partir de uma conferência realizada três anos antes.

É preciso reconhecer, no entanto, que o estruturalismo metodológico de Prado Jr. não corresponde ponto a ponto àquele praticado por Gueroult ou mesmo por Teixeira. Ele já havia sofrido algumas modificações e adaptações ao longo dos anos 1960, por influência de autores como Gérard Lebrun e Gilles Gaston Granger, ambos tendo atuado como professores visitantes na Faculdade de Filosofia da USP. O que resultou daí, principalmente para aqueles que faziam sua formação durante esse período, foi uma experiência de renovação do método de leitura estrutural.

\*\*\*

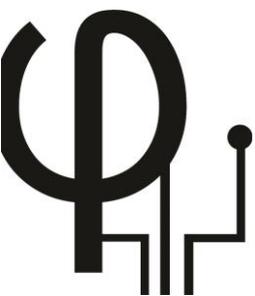
Dentre os filósofos formados nesse ambiente intelectual, está Luiz Roberto Monzani (1946-2021), figura central da recepção filosófica de Freud no Brasil. Iniciando seus estudos em 1967, Monzani começa a se interessar por psicanálise em meados dos anos 1970. Segundo consta em seu currículo pessoal, o filósofo brasileiro ministrará, já em 1976, na Universidade Estadual de Campinas, um curso com o título *Epistemologia da psicanálise*. Esse mesmo tema será objeto de uma comunicação feita em 1980, *Psicanálise e epistemologia*, no *III Encontro de História e Filosofia da Ciência*, organizado por Oswaldo Porchat no Centro de Lógica e Epistemologia (CLE) da Unicamp<sup>9</sup>.

Será, contudo, ao longo da década de oitenta, com a escrita e posterior publicação de sua tese de doutorado, *Freud: o movimento de um pensamento*<sup>10</sup>, que Monzani fará sua primeira grande contribuição à história da recepção filosófica da psicanálise no país. Por várias razões,

<sup>8</sup> PRADO, JR. “Auto-reflexão, ou interpretação sem sujeito? Habermas intérprete de Freud”, *Discurso*, v. 14, pp. 49-66, 1983.

<sup>9</sup> Consultar o programa do evento em “Carta de Oswaldo Porchat Pereira a Mario Schenberg”, acessível em versão digitalizada nos arquivos USP: <<http://acervo.if.usp.br/index.php/carta-de-oswaldo-porchat-pereira-a-mario-schenberg-2>>. Segundo consta no documento, a intervenção de Monzani teria se dado em forma de conferência no dia 10 de dezembro de 1980, às 14h.

<sup>10</sup> Tese datada de 1982. Segunda edição publicada em: MONZANI, L.R. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Unicamp, 1989. Terceira edição publicada em 2014, pela mesma editora e acompanhada de um prefácio escrito por José Miguel Bairrão.



podemos considerar esse texto como um marco para o desenvolvimento da chamada filosofia brasileira da psicanálise<sup>11</sup>.

Um dos principais aportes de Monzani reside em sua inovadora reflexão sobre a unidade da obra freudiana. A partir dela, o pensamento de Freud será entendido em termos dinâmicos, de *movimento*, como um sistema aberto que se organiza a partir de “uma progressiva rearticulação e redefinição dos conceitos determinada por sua lógica interna e pela progressiva integração dos dados da experiência”<sup>12</sup>. Notamos aqui que, por um lado, Monzani se mantém fiel ao projeto estruturalista, ao considerar o estudo da lógica interna do texto como uma das dimensões capazes de determinar o curso da obra – justamente aquilo que Gueroult havia definido como próprio à “ordem das razões”. Por outro lado, o filósofo brasileiro atribui grande importância àquilo que se encontra fora do texto, no caso de Freud, os ditos dados da experiência. Em comunicação recente, explorando a via aberta por Monzani e com o objetivo de circunscrever e de melhor definir o estatuto desta instância extratextual de determinação, Caio Padovan propôs a expressão “ordem das experiências”, justamente a fim de descrever o modo de organização desses dados em sua articulação com os conceitos<sup>13</sup>.

Na conclusão de *Freud: um movimento de um pensamento*, Monzani fará enfim referência à famosa noção de *movimento pendular e espiralado*, buscando assim ilustrar a dinâmica particular que parece caracterizar a obra freudiana; uma obra no interior da qual não haveria nem ruptura radical nem continuidade absoluta entre os seus diferentes momentos, sendo pensada, nas palavras do autor, como uma “lenta gestação conceitual em que as noções foram retificadas, precisadas, repensadas ou explicitadas”<sup>14</sup>. A metáfora do *pêndulo* e da *espiral* traduziriam assim, em linguagem formal, o movimento que a produção intelectual de Freud realizaria de um polo a outro, retornando sempre às mesmas questões, mas nunca no mesmo nível em que estavam sendo tratadas anteriormente.

Padovan compara a concepção dinâmica de obra proposta por Monzani a um organismo vivo, substituindo a metáfora da *espiral* e do *pêndulo* pela imagem de *anéis concêntricos*, observados em troncos lenhosos de plantas de grande porte<sup>15</sup>. Ora, do ponto de vista ecológico,

<sup>11</sup> Para comentários a este respeito, consultar: SIMANKE, R. CAROPRESO, F. BOCCA, F. (org.) *O movimento de um pensamento: ensaios em homenagem a Luiz Roberto Monzani*. Curitiba: CRV, 2011. Encontramos uma pequena reunião de outros textos importantes de Monzani sobre psicanálise em: FULGENCIO, L. SIMANKE, R. (org.). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005.

<sup>12</sup> Cf. MONZANI, L.R. *Freud, o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora Unicamp, 2014, p. 295.

<sup>13</sup> Comunicação oral feita no seminário *História e filosofia da psicanálise, origens e desenvolvimento*, realizado na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) durante o primeiro semestre de 2021.

<sup>14</sup> Cf. MONZANI, L.R. *Freud, o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora Unicamp, 2014, p. 294.

<sup>15</sup> Comunicação oral feita no seminário *História e filosofia da psicanálise, origens e desenvolvimento*, realizado na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) durante o primeiro semestre de 2021.



sabemos que a dinâmica que caracteriza a formação destes anéis depende, em igual medida, da sua tendência interna ao crescimento, representada, neste caso, pela “lógica interna dos conceitos”, e da sua reação adaptativa às intempéries do mundo externo, representada, no caso da obra freudiana, pela “progressiva integração dos dados da experiência”.

Tal imagem nos permite lançar nova luz sobre a noção monzaniiana de obra, já não mais pensada como estrutura estática, como gostariam os estruturalistas clássicos, isto é, em termos de arquitetônica ou monumento, mas como um organismo em constante interação, submetido tanto às leis internas de seu funcionamento metabólico quanto às exigências do ambiente dentro do qual ele evolui<sup>16</sup>.

O recente falecimento de Luiz Roberto Monzani representou uma grande perda para o pensamento filosófico brasileiro, mas seu legado continua vivo, e a presente edição, que o homenageia, deve ser considerada como um de seus frutos.

\*\*\*

A partir dos anos 1980, essa abertura da estrutura a outras instâncias de determinação se mostrou igualmente presente nos trabalhos de dois outros pesquisadores no Brasil, Osmyr Gabbi Jr. e de Zeljko Loparic, que passarão a estabelecer, cada um à sua maneira, um diálogo com a história e com a epistemologia da psicanálise. Juntando-se a Monzani na Unicamp, Gabbi Jr. e Loparic organizarão, a partir de 1984, também em companhia de Prado Jr., o famoso curso de especialização em *Fundamentos Filosóficos da Psicologia e da Psicanálise*. Oferecido em parceria com o *Centro de Lógica e Epistemologia (CLE)* da Universidade Estadual de Campinas, esse curso irá formar toda uma geração de estudiosos da psicanálise que, de uma forma ou de outra, tenderá a assimilar as perspectivas filosóficas e metodológicas ali difundidas<sup>17</sup>.

Um destes jovens pesquisadores foi Francisco Bocca, que na época acabou se aproximando mais especialmente de Monzani. Seu exemplo pode ser tomado aqui como

---

<sup>16</sup> Em contribuição recente, publicada em uma coletânea francesa, Francisco Bocca chama a atenção para o potencial descolonizador da recepção filosófica brasileira da psicanálise, colocando em evidência a obra de Luiz Roberto Monzani. Cf. BOCCA, F. « Un département français d’outre-mer » et la réception philosophique de la psychanalyse brésilienne – un effet de décolonisation. In: A. Chausovsky, E. Donato, P. Vermeren, A. Weler. *La Philosophie interrompue*. Venir après la Réforme Universitaire de 1918 et Mai 68. Paris: L’Harmattan, p. 141-150, 2021.

<sup>17</sup> Como nos revela Osmyr Gabbi Jr. em entrevista recente, esse curso de especialização não chegou a diplomar muitos estudantes, mesmo assim, acreditamos que ele acabou intermediando o contato de uma série de jovens pesquisadores com a nascente filosofia brasileira da psicanálise. Ver entrevista realizada pelo GT Filosofia e Psicanálise no dia 11 de junho de 2020, em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZvYLU8FjggA>>.



paradigmático, uma vez que, anos mais tarde, fundará no seio do *Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUCPR*, uma linha de pesquisa inteiramente dedicada ao diálogo entre filosofia e psicanálise. Desde então, mestres e doutores têm se formado nessa instituição, levando adiante o projeto inicial idealizado pelo “quarteto” campinense.

É evidente que, ao chamar a atenção para esses eventos e não para outros – envolvendo diferentes grupos em outras partes do Brasil –, procedemos fazendo já um primeiro recorte dessa história<sup>18</sup>. Nada foi dito, por exemplo, a respeito do trabalho de Renato Mezan em São Paulo, que inicia suas pesquisas lançando mão do método estruturalista ainda no final dos anos 1970. Suas investigações resultarão no clássico, já diversas vezes reeditado, *Freud, a trama dos conceitos*<sup>19</sup>, e, nos anos 1980 – em um trabalho que irá claramente extrapolar os limites do estruturalismo metodológico – o seu monumental *Freud, pensador da cultura*<sup>20</sup>. Da mesma forma, nenhuma referência foi feita às contribuições de Luiz Alfredo Garcia-Roza, filósofo carioca, fundador em 1988 do *Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica*, ligado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Garcia-Roza foi autor de diversos trabalhos importantes neste campo, como *Freud e o inconsciente*<sup>21</sup>, bem como os três volumes de seu *Introdução à metapsicologia freudiana*<sup>22</sup>. Também no Rio de Janeiro, não poderíamos deixar de mencionar a figura de Joel Birman, médico psiquiatra e também doutor em filosofia pela USP, tendo defendido em 1984 a tese *Pensamento freudiano e a constituição do saber psicanalítico*. Na mesma década de oitenta, em Minas Gerais, temos os estudos realizados por Walter Evangelista em torno das contribuições de Louis Althusser ao debate entre filosofia e psicanálise. Nesse mesmo período, chamaríamos a atenção para as contribuições de Célio Garcia e, mais tarde, Carlos Roberto Drawin e Verlaine Freitas. No Rio Grande do Sul, temos a importante figura do filósofo Ernildo Stein, que estabelecerá, a partir dos anos 1990, um diálogo com a psicanálise a partir da analítica existencial de Martin Heidegger.

Enfim, os exemplos poderiam ser aqui multiplicados, bem como suas respectivas ramificações a partir dos anos 2000. Dentre essas ramificações, não poderíamos deixar de citar as pesquisas interdisciplinares realizadas há mais de uma década por Vladimir Safatle e

<sup>18</sup> Houve no Brasil, durante esse período, uma crescente consolidação de linhas de pesquisa em “filosofia da psicanálise” em várias universidades brasileiras. A este respeito, ver: FREITAS PINTO (2016, p. 208s), em trabalho citado por nós mais acima, em nota de rodapé.

<sup>19</sup> MEZAN, R. *Freud, a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

<sup>20</sup> MEZAN, R. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>21</sup> GARCIA-ROZA, L.A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

<sup>22</sup> GARCIA-ROZA, L.A. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Zahar, 3v., 1991, 1993, 1995.



colaboradores junto ao *Laboratório de Teoria Social e Psicanálise* (Latesfip), vinculado à Universidade de São Paulo.

Feitas as ressalvas, destacaríamos um segundo recorte dessa história, com o objetivo de circunscrever os trabalhos de dois outros pesquisadores que ilustram muito bem o movimento de abertura metodológica ao qual fizemos referência há pouco. Trata-se de Richard Simanke e Fátima Caropreso. Seguindo, sobretudo a partir dos anos 2000, um estilo investigativo que se aproxima daquele colocado em marcha duas décadas mais cedo por Gabbi Jr., Simanke e Caropreso mergulham a psicanálise na história intelectual do século XIX, extraindo daí novos elementos de reflexão para a filosofia brasileira da psicanálise. Em sua forma mais bem acabada, esse estilo foi descrito por Simanke no artigo *Considerações preliminares a propósito de um método histórico-filosófico para a pesquisa conceitual em psicanálise: uma reflexão a partir da experiência brasileira*<sup>23</sup>, e discutido, de maneira mais ampla, na entrevista com o autor, publicada no primeiro volume da presente edição, com o título *História e filosofia da psicanálise: fundamentos e questões de método*<sup>24</sup>.

Esse recurso metodológico vai ao encontro dos trabalhos que vem sendo realizados atualmente por Caio Padovan e Weiny César Freitas Pinto a respeito da história da recepção filosófica da psicanálise, e com a recente incursão de Francisco Bocca, Vinicius Armiliato e Caio Souto na obra de Georges Canguilhem, em particular a partir da chamada epistemologia histórica.

\*\*\*

Este segundo volume da edição *História e método da recepção filosófica da psicanálise*<sup>25</sup>, conta com um total de vinte contribuições, incluindo dezessete artigos, uma entrevista, uma tradução e uma resenha. Os artigos foram repartidos em cinco seções temáticas. A primeira dessas seções, intitulada *Filosofia da psicanálise*, traz as reflexões de Pedro Fernandez de Souza a respeito da complexa posição ocupada pela metafísica no interior da metapsicologia freudiana, caminhando da filosofia em direção à psicanálise; assim como o trabalho de Anna Carolina Velozo Nader Temporão, que percorre a via inversa, discutindo as

<sup>23</sup> SIMANKE, R.T. *Considérations préliminaires à propos d'une méthode historique-philosophique pour la recherche conceptuelle en psychanalyse : une réflexion à partir de l'expérience brésilienne*. *Critical Hermeneutics. Biannual International Journal of Philosophy*, Cagliari, v. 4. n. 2, p. 59-78, 2020.

<sup>24</sup> FREITAS PINTO, W.C. SIMANKE, R. *História e filosofia da psicanálise: fundamentos e questões de método*. *Eleuthería*, v. 6, n. 10, p. 364-383, 2021.

<sup>25</sup> Primeiro volume, cf. *Eleuthería*, Campo Grande, v. 6, n. 10, 2021.



possíveis contribuições da psicanálise para a superação de um problema tipicamente filosófico, a saber: a questão do solipsismo.

Na seção *Estudos lacanianos*, estão os artigos de Antonio Júlio Garcia Freire, sobre a apropriação psicanalítica feita por Lacan do diálogo platônico *O Banquete*; o de Josiana Hadlich de Oliveira, que nos propõe um diálogo entre Lacan e Merleau-Ponty, a partir da noção de tecido carnal e da ideia fissura da carne operada pelo outro; e, por fim, o de Claudia Murta e Jacir Sanson Junior, que busca desenvolver a noção lacaniana de “retorno à Freud” por meio da análise do conceito psicanalítico de pulsão em sua articulação com os matemas. Encontramos aqui trabalhos que caminham em diferentes direções, o primeiro tematiza o recurso de Lacan à filosofia, o segundo discute a relação de Lacan com um filósofo, o terceiro aborda filosoficamente uma questão lacaniana por meio de um estudo de análise conceitual.

Na seção *Diálogos*, a mais longa deste volume, encontramos seis artigos bastante heterogêneos, todos incluindo, de alguma forma, um diálogo da filosofia com a psicanálise. Fabio Caprio Leite de Castro nos propõe um estudo da crítica sartreana à psicanálise, a partir da fenomenologia e da dialética, centrando-se no problema do determinismo psíquico. Raphael Thomas Ferreira Mendes Pegden apresenta a reflexão de Michel Foucault, realizada em um curso de 1964, sobre a sexualidade e a psicanálise enquanto *formas culturais* do pensamento. Fernanda Silveira Corrêa faz uma leitura da psicologia do indivíduo em Freud, pensada a partir da noção de pai primitivo, em paralelo a uma análise da dualidade nietzscheana entre o apolíneo e o dionisíaco. Vincenzo Di Matteo investiga a questão do sujeito em Freud e Lacan no *Da interpretação* de Paul Ricoeur, em particular os desafios que a psicanálise colocou para as filosofias da liberdade e da consciência. Vinicio Busacchi e Giuseppe Martini escrevem em italiano e se propõem a discutir a noção de identidade em psicanálise, explorando, para tal, dois grandes paradigmas do pensamento hermenêutico contemporâneo, o narrativista e o tradutivista. Por fim, Hugo Tannous Jorge fecha a seção com um panorama bastante completo, ainda que não exaustivo, da crítica epistemológica feita pelo filósofo Adolf Grünbaum à psicanálise.

Na seção *Estudos de recepção*, contamos com uma série de três artigos que pensam a recepção da psicanálise em três contextos distintos: o primeiro, de Leonor Cecília Pinto Niño e Fátima Caropreso, abordam, em espanhol, a recepção freudiana das concepções científicas a respeito da memória filogenética e transgeracional, em especial aquelas baseadas na “lei biogenética fundamental” de Ernst Haeckel; o segundo, de Josiane Cristina Bocchi, trata da recepção de Freud e da psicanálise pelas neurociências cognitivas, em particular por Eric Kandel e António Damásio, privilegiando a teoria da consciência e do *self* propostas por



esse último; o terceiro, de Francisco de Assis Silva, discute a recepção da psicanálise pela teoria do discurso do filósofo argentino Ernesto Laclau, principalmente a partir da noção de *significante vazio*. Um quarto artigo, mais metodológico, de autoria do sociólogo e Andreas Mayer, se dedica a pensar o lugar do contexto na escrita da história da psicanálise. O texto, traduzido por Gabriel Azevedo Leite e Caio Padovan, encerra a seção *Estudos de recepção*.

A última seção, intitulada *Ensaaios/relatos*, traz os textos de Alessandra Affortunati Martins a respeito da trajetória intelectual de Léa Silveira, chamando a atenção para o desenvolvimento de um método de leitura, o chamado “olhar microscópico”; e a contribuição autobiográfica de Maria Cristina de Távora Sparano a respeito da recepção filosófica da psicanálise em Curitiba e de um método de investigação baseado no modelo wittgensteiniano de linguagem.

Este volume inclui ainda a entrevista conduzida por Ronildo Deividly Costa da Silva com o filósofo brasileiro Ernani Chaves sobre a história da filosofia da psicanálise em Belém do Pará; a tradução, realizada por Caio Padovan e Guilherme Germer, de um texto clássico da recepção filosófica da psicanálise, a saber, a resposta de James J. Putnam ao texto de Sándor Ferenczi, publicado no primeiro volume dessa edição<sup>26</sup>; e, por fim, a resenha, escrita por Jennifer Aline Zanela e André Malina da nova tradução, bilíngue e crítica, do ensaio de Freud *Além do princípio de prazer*, publicada em 2020 pela editora Autêntica.

A todas e a todos, os editores desejam uma ótima leitura!

*Os Editores,*

*Prof. Dr. Caio Padovan (UPV – Montpellier 3 / PUCPR)*

*Prof. Dr. Weiny César Freitas Pinto (UFMS)*

*Prof. Dr. Richard Simanke (UFJF)*

*Prof. Dr. Francisco Bocca (PUCPR)*

---

<sup>26</sup> FERECNZI, S; PADOVAN, Caio; GERMER, Guilherme. *Filosofia e Psicanálise (considerações sobre um artigo do Sr. Professor Dr. James J. Putnam da Universidade de Harvard, Boston EUA)* [Philosophie und Psychoanalyse]. *Eleuthería*, v. 6, n. 10, p. 345- 358, 2021.

